

ANTROPOLOGIA PARACRIMINAL

A literatura e as obras de Arte de inspiração
criminalista — Dostoiewsky

POR

J. BETHENCOURT FERREIRA

Ant. prof. da Universidade do Pôrto, Soc. da Soc. Port. de Antropologia

A Arte, por justo motivo, exerceu sempre a função social
de prever as novas directrizes da consciência humana
e de popularizá-las.

ENRIQUE FERRI.

As Ciências antropológicas alargaram consideravelmente, nos últimos tempos, o seu já dilatado âmbito e comportam hoje noções heterogéneas, de diversa proveniência. Se as Belas-Artes, sobretudo as Artes plásticas, têm a lucrar muito com os conhecimentos antropológicos (1), especialmente pelo auxílio que êles prestam à interpretação e à crítica artística, bem como pelos resultados seguros a que conduz o estudo dos cânones esculturais e também pelo documentário amplo e nutrido, que ao antropologista oferecem as obras de Arte, a produção dêste género, de todos os tempos, fornece o mais curioso objectivo ao homem de ciência, que se não detém apenas na observação serena e conscienciosa da natureza humana, mas se entretém, com igual interêsse, na contemplação do trabalho do artista, que aponta com o lápis, a pena, o buril ou o pincel o traço, o pormenor característico; sublinha a expressão psíquica, as atitudes significativas; faz salientar deficiências e perfeições, que doutra sorte seriam inexprimíveis ou passariam despercebidas.

(1) Dr. Mendes Corrêa, *A Antropologia nas suas relações com a Arte*, conferência. Pôrto, 1925.

Não esqueceremos aquêlê observador, de notável perspicácia, que no século XVIII tentou orientar a pintura pelo sentido do antropologista e determinou assim o estudo sugestivo das *normas*, principalmente da *norma lateral*, que ainda hoje conserva o nome de Peter Camper.

Por outro modo, a literatura, considerada também, e com bastante razão, — obra de Arte, — presta à Ciência, e em particular à Antropologia, copiosos documentos e subsídios, quer pelo lado da Antropologia física, quer pelo lado da Etnologia e da Psicologia, da Psiquiatria e ainda de outros ramos de saber, com aquela Ciência relacionados. A Antropologia criminal, cuja especialização tem sido levada bastante longe, revê na produção escrita, desde séculos, a vasta documentação pela qual se pode fazer o estudo analítico de numerosos factos, inestimável riqueza de elementos de observação e de experiência, trazidos de longa data e aproveitáveis para reconstituições instrutivas e interpretações filosóficas de fenómenos de delinquência, que tanto na Escola romântica, como na Escola realista, na tragédia antiga, ou no drama moderno, no romance, no folhetim e na novela, se antepõem ao pensador, ao psicólogo e ao moralista.

Há poucos dias ainda, um professor notável, médico e antropologista, cuja personalidade literária se afirma em elegantes e conceituosas dissertações, o dr. Henrique de Vilhena deu à publicidade uma obra, sob diversos títulos notável, na qual destaca os trechos dos escritores de todos os tempos e de todos os géneros, em que as manifestações somáticas e psíquicas da cólera se impõem (1).

Nos mais diversos escritos se encontra desta maneira a descrição de estados psicológicos opostos, registados de maneira

(1) H. de Vilhena, *As expressões da cólera na literatura*, Acad. das Ciências, Lisboa, 1931.

indelével. Êsses escritos constituem extensa documentação, pela qual se pode investigar o mecanismo e a determinação de actos passionais, impulsivos, emocionais e até delituosos.

Foi a concatenação de semelhantes expressões na Arte e na Literatura o que tentou fazer o psicólogo e criminalista italiano. E. Ferri, em um livro muito interessante, que se cinge também ao nosso ponto de vista (1).

*

* *

Sobre êste assunto importante, a Arte precedeu a Ciência e a Literatura, na definição de certos tipos de delinquentes e de actos desta natureza. Por isso não é extravagância nenhuma ir procurar nas revelações artísticas e nas obras literárias, as formas sugestivas, os princípios, as ideas e sobretudo o documentário imenso, que se refere aos fenómenos psíquicos, individuais e colectivos, que de perto se aparentam com a loucura e com o crime, dando-nos transições insensíveis entre as duas ordens de coisas, que muitas vezes se confundem, nas mais íntimas e imprevistas associações (2).

(1) Enrico Ferri, *Les criminels dans l'Art et la Littérature*, trad. de E. Laurent, «Bibl. Phil. Cont.». Paris, 1913. Outras publicações de generalidade servem de lições acessórias, a semelhante respeito; Fleury, *L'âme du Criminel*; Tarde, *La criminalité comparée*; L. Aubry, *La contagion du meurtre*; Garofalo, *La criminologie*; G. Le Bon, *Psychologie des foules*; Proal, *Le crime et la peine*; S. Sighele, *La folla delinquente*; Maudesley, *Le crime et la folie*; e ainda mais.

(2) Estão catalogadas as imagens fixadas por artistas superiores na sua Arte e que exemplificam as deformidades de que a humanidade é susceptível e se referem a tipos de degenerados, de perto ou de longe em ligação com o crime.

Todavia na Pintura e na Escultura não é fácil obter a definição desses tipos, alguns vagamente esboçados, embora com severa intuição. Ed. Lefort, em Lião e Ed. Mayor, em Roma deram-se ao trabalho de os registrar. Segundo

O facto é este: Enquanto os homens da Lei, os jurisconsultos se preocupavam excessivamente com o acto criminoso, com a infracção das leis e as penalidades correspondentes, os artistas, pintores, escultores e literatos, devassaram com intuição genial, explorando directamente a natureza, a pessoa do agente e a fisiologia e a psicologia do acto delituoso, em precessão dos inquietantes achados da Escola positivista, que sob a inspiração e a directriz imposta pelo Prof. C. Lombroso, de Turim, no fim do século passado, se lançou audaciosamente na pesquisa e na interpretação da etiologia desta fenomenalidade, que preocupa incessantemente os legisladores e os homens de ciência, o fôro, a medicina legal, a psiquiatria e a antropologia.

*

* *

A Literatura de todos os tempos reproduz ou evoca, de maneira singela ou requintada, na prosa ou no verso, numerosos factos, ou supostos e imaginosos sucessos, inspirados na lenda, nos mitos ou na História, dramas e tragédias que ensombram a alma humana e condensam o assunto de obras imortais de

o primeiro, encontrar-se-iam em muitas obras primas das diferentes escolas de pintura feições de criminosos. Cf. E. Ferri, *loc. cit.*

Citam-se, entre muitas, as alegorias de Prudhon (século XVIII) — « O assassino perseguido pela justiça » e « A justiça », em que o autor pintou um criminoso convencional, dominado pelo remorso, que não é, as mais das vezes, atributo da delinqüência, visto que a maioria dos criminosos revela inconsciência ou insensibilidade moral, salvo os de delitos passionais. É na execução de artistas desequilibrados ou extravagantes que se encontra, por vezes, a representação de fisionomias ou atitudes de delinquentes. Sòmente em quadros históricos, de notória beleza antiga, como a *Judite e Holophernes* ou a *Herodiade* com a cabeça de S. João Baptista, o motivo criminalista se impõe pelo formidável rasgo de génio e pela excelência do acabamento.

autores gregos, latinos e modernos, desde Sophocles, Euripedes, Eschylo, Ennio, até Ronsard, Corneille, Shakespeare, Goethe, Schiller, d'Anunzio, Ibsen e outros.

São muitas vezes os abalos morais, os desmandos emotivos da vida passional do individuo ou das multidões, levados a paroxismos exagerados, que impelem os homens para as acções delituosas. Estes factos são os que servem de motivo principal ou acessório na obra de grandes escritores, que nos podem servir de exemplo, como no *Macbeth* de Shakespeare.

Poetas e prosadores, dramaturgos de tôdas as épocas e de diferentes raças utilizaram, para comunicar com o público; para expressar um princípio moral, uma idea, um pensamento filosófico; para promover a emoção estética, exactamente os actos criminosos, com o seu carácter de excepção violenta, de crueldade, de astúcia, de audácia, de grandeza.

Euripedes e Eschylo, na antiguidade grega, por exemplo, tiraram efeito grandioso do mito de Medea, convertido em tragédia pela fatalidade da paixão amorosa, que à heroína inspirou Jasão, rei dos Argonautas, por amor do qual ela mata os próprios filhos, no furor paroxístico da vingança, ao ver-se abandonada pelo herói. Em tôdas essas obras trágicas, estarrecedoras, o assassinio, o incesto, o parricídio, o filicídio, o matricídio, o uxoricídio, os mais horrendos crimes, a exemplo da fatalidade de *Édipo*, ocupam o lugar primacial, despertando o patético em revelações assombrosas. Foram os grandes e temíveis gestos criminosos, pelo gládio, pelo punhal ou pelo veneno, a trilogia dos instrumentos trágicos, trucidantes e ingentes, pela causa que os determina a agir e pelos seus efeitos letais, os meios empregados pelos autores antigos, para suggestionar e comover as multidões, com os quais fizeram passar da imaginação trasbordante dêsses criadores de Beleza para o ânimo do público os feitos excepcionais, subjugando-o pela estranheza e pelo horror da acção, pela

altisonância das falas, quer em prosa, quer em verso, em que expuseram o assunto. Na actualidade, êsses crimes hediondos, que serviram sobretudo de fundo à tragédia grega, como ao teatro shakespeareano ou danunziano, alimentam e preenchem diáritamente os entre-filetes da reportagem moderna dos grandes cotidianos, assim como nos *magazines*, que se devoram com a vista na vertigem da via férrea e nas longas viagens náuticas.

Nos mitos antigos, a divindade não é menos cruel e assassina, feita à imagem do homem, que a supôs ou criou.

A peça sensacional de Lenormand — « Ásia » —, segundo uma escritora francesa e crítica notável, é uma réplica da *Medea*, nascida nos confins de Sião, à qual um viajante, em busca de sensações e de glória, consegue apaixonar e conduzir para a Europa, onde a infidelidade do mesmo e o desprezo subsequente exaltam na princesa oriental a luta de sentimentos e de paixões, que a levam ao filicídio, como suprema vingança, tal qual se passa nas horripilantes tragédias de Euripedes e de Eschylo, de Corneille e de Cherubini.

¿Que dizer da discutida tragédia pastoril de G. d'Anunzio, *La figlia di Jorio*, em que tantos pontos de contacto se encontram com as obras de antiguidade clássica?...

Os mais horrendos crimes passam assim na História, no teatro e no romance, no folhetim e no conto; despertam a-miúde a curiosidade mórbida das massas populares e sugestionam os espíritos propensos. Acrescenta-se na actualidade o cinema a estes meios de propaganda e de emoção. Perpassam no alvo não só os grandes feitos históricos, as farsas hilariantes, mas também os actos emotivos e apaixonados da delinqüência, sob as formas mais diversas, geralmente relacionadas com o *detectivismo* americano, o qual, mais de que nenhum outro meio, o cinema banalizou.

A consciência de artistas, escritores, realizadores de teatro

e de cinema não poderia deixar de colhêr a impressão dos acontecimentos e das criaturas envoltas ou dominadas pela paixão e pela idea do crime. Daí as reproduções romantizadas ou realistas, as narrativas, os romances, os dramas, em que se observa a repercussão que têm no Mundo da Arte as acções que, pelo seu insolitismo, pelo seu carácter de truculência e de emotividade, se impõem à imaginação e ao comentário.

*

* *

Na dramaturgia dos povos do Norte europeu, particularmente na Alemanha e na Escandinávia, a literatura registra avultado número de criações que se inspiraram nas formas clássicas, ou na maneira romântica, tratando com observação penetrante as tendências afastadas da normal, os enigmas psicopáticos, os crimes de diferente índole, a perversidade, a paixão dominadora.

A obra de Goethe, de Schiller, de Ibsen, de Hauptmann, de Strindberg, para citar os príncipes desta literatura fantástica, encerra os casos mais curiosos e impressionantes, no ponto de vista da análise psicológica e particularmente da crítica psiquiátrica, bem como da investigação criminalista (1).

É, em particular, a obra de teatro aquela em que, por via de regra, os actos delituosos dominam a cena, ou sejam de determinante heróica, de intento patriótico, ou meramente passional, ou ainda de causa psíquica doentia; assim a loucura moral dum Nero, o fatalismo sôbre-humano de Édipo, a instabilidade, o pessimismo e a fingida alienação mental de Hamlet, o delírio para-

(1) Régis, *La folie dans l'Art dramatique*, in « Arch. d'Anthropologie crim. », 15-X-1902.

nóico do ciúme de Othello. Em peças modernas, o teatro oferece-nos ainda as acções trágicas, revividas da História. Tal o exemplo da nobreza tirânica executiva de D. João II, no *Duque de Vizeu*, o célebre drama de H. Lopes de Mendonça, cinco actos em formosos e sonoros versos, dêste imperecível dramaturgo português, diante de cuja obra teatral tanta vez o público estremeceu de comoção.

Na literatura dos países do Norte, de supercultura literária e científica, encontram-se desenhos de linhas especiais de criminosos: *Os Salteadores*, de Schiller; *O último dia dum Condenado*, de V. Hugo; *Teresa Raquin*, de Zola; algumas peças de Ibsen, por especial menção, — *Nora ou a Casa de Boneca* —.

Na *Casa de Boneca*, Ibsen trata engenhosamente o tema do consórcio moral e material de duas criaturas, dotadas de qualidades e defeitos, que as baloçam na vida conjugal, entre a felicidade e a desgraça, indo por vezes até o crime, neste caso, por insuficiência mental e educativa.

Aqui a protagonista comete uma falsificação, aliás por motivo explicável, mas crime previsto, que estabelece a tensão dramática, o conflito agudo, a emoção moderada, em relação à violência dos antigos dramalhões, que impressionavam a fundo as plateias entusiastas, no século passado.

Em obras que preocuparam a mente nos séculos transactos e cuja beleza é imorredoura, obras de génio insofismável, acham-se delineados a traços firmes os caracteres e as personagens, que melhor simbolizam as negras e sinistras inclinações, às quais se opõe o comentário morigerador; assim nos autos e farsas de Gil Vicente, nos poemas imortais de Dante ⁽¹⁾, Tasso e Manzoni, de que tanto há ainda a dizer.

(1) O admirável fulcro imaginoso da *Divina Comédia* é o pecado e o castigo, sob a forma cristianíssima do Purgatório e do Inferno. Na obra imortal de

Nos últimos tempos, Gabriel d'Annunzio, na Itália e Bernstein, o dramaturgo judeu, em França, obtiveram imenso êxito com a estilização, a modo inconfundível, das degenerescências criminais, exibidas de maneira terrível, quer na tragédia pastoril — *La figlia di Jorio* —, quer no «Ladrão» ou na *Rafale*, do último citado; no primeiro é o parricídio que espanta e constituiu uma das maiores concepções trágicas da dramaturgia actual; no segundo, um caso singular de *cleptomania galante*, a mulher formosa e apaixonada que rouba rendas... para agradar ao marido. Não é de menor interesse psico-criminalista o primeiro dos *Contos* de Eça de Queiroz — «Singularidades duma rapariga loura» —, no qual o acto cleptomano, — o roubo da jóia, — coloca na literatura contemporânea, por via de encantadora novela, o *caso psíquico*, a delinquência mórbida ou degenerativa, ao pé daquele teatralizado intensamente pela arte diabólica do mago do Teatro francês da decadência.

*

* *

Queremos emfim (*last non least*), sintetisar estas ideas com referência, ao de leve, a um escritor que vale, por si só, uma literatura exemplar neste género: — *Dostoiévsky* —. No ponto de vista da *literatura criminalista*, a obra do romancista russo, assás divulgada e reproduzida, em virtude do que encerra de estranho e de

Allegieri não se divisam propriamente figuras de pecitos, de delinquentes, senão vagamente esboçadas. Nela vê-se porém Francisca de Rimini, eternamente condenada e envolta no torvelinho fatídico, com o seu dilecto cúmplice, emquanto o cioso marido, assassino e portanto criminoso por ciúme, é também condenado ao Inferno. Quando não outros, estes impressionantes casos passionais dão a idea da concepção dantesca, eivada de misticismo, de religiosidade, que se pronuncia em justo equilibrio entre a falta cometida e o remorso primitivo. [Cf. Fr. Flamini, *Avivamento allo studio della Divina Commedia*, Lione, 1906, R. Giusti].

mórbido, cita-se como doloroso comentário dos factos mais extraordinários, que a realidade e a imaginação podem congregar, para nos produzir as mais fundas impressões de pessimismo e de angústia, perante o desenrolar dos *basfonds* da humanidade tétrica, evocados de maneira tão singular nos romances espalhados do autor russo, desgraçado e célebre, pelo triplo motivo do seu *grande mal*, da infelicidade que o acompanhou sempre e da sua perturbadora actividade literária.

A seu respeito escreveu W. Schroenen (1): «Interessa (Dostoiewsky) ao psiquiatra e ao criminalista, porque êle próprio foi epiléptico, psicopata; porque as circunstâncias lhe fizeram conhecer a Sibéria, donde trouxe as suas «Recordações da Casa dos Mortos», da qual Lombroso tirou documentos para o «O Homem Criminoso»; porque a maioria dos seus heróis oferece ao psiquiatra e ao criminologista abundante material de observações, a maior parte das quais eram intuitivas».

O singular escritor, em muitos dos seus romances autobiográfico, dotado de grande poder de observação externa e interna (autobservação), semeou os seus produtos literários de pensamentos de grande profundidade, acêrca dos degenerados e dos delinquentes.

No dizer de Berdiaeff, o autor de *O Crime e o Castigo*, exprime, a respeito de tôdas as suas personagens, o que se passa no íntimo dêle; as suas dúvidas, as suas tremendas contradições; as suas graves perturbações psíquicas. Espelha-se, por assim dizer, nos seus interlocutores. Os livros dêle, são quadros da sua própria vida, o produto da autobservação clarividente e da sua própria experiência. Êle deu a êsse material informe e

(1) W. Schroenen, *Un créateur de types humains*, conférence faite à la Sorbonne, in «Rev. de la Soc. p. l'étude des formes humaines», n.º 1. Paris, 1931.

desordenado, a princípio, a expressão literária e conseguiu-o com o fulgor do seu estilo. Por isso a sua obra fornece ao sociólogo, ao psiquiatra, ao criminalista, por igual, as observações, os tipos, os exemplos mais frisantes, recortados na massa comum dos humanos sociabilizados.

O valor antropológico dos romances do conhecido autor russo afere-se pelo seu poder de observação em profundidade, pela menor inventiva, que permite entrever a verosimilhança dos episódios e das criaturas e desviá-las assim da crítica de M. Nordau, com respeito aos imensos volumes de Zola, que nêles pretendia praticar uma ciência experimental, inteiramente nova, porém se achava excluído da Ciência pela ficção.

Os livros de Dostoiewsky possuem portanto para o antropocriminalista a valia documental, o interêsse de penetrantes e curiosas sondagens, entre os baixios perigosos e deploráveis da alma humana. Contudo, Zola não deixou de legar aos antropólogos, com intuição e generosidade, pormenorizadas descrições de anomalias psiquiátricas, de taras de *degeneróides* e, ao mesmo tempo de turbulência colectiva, na *Nana*, na *Bête humaine*, no *Germinal*, no *Assomoir*. Ê, em todo o caso, uma coisa, uma arte nova, que se paraleliza com a renovação científica pelo método experimental, se não procede dêste.

Na *Casa dos Mortos*, Dostoiewsky descreveu *de visu* o que se passa no degrêdo. O romancista *viveu*, êle também, no degrêdo, durante quatro anos, o bastante para nos dar nesse livro extraordinário a condensação ou a síntese psicológica das diversas categorias de prisioneiros e criminosos.

Dostoiewsky, por exemplo, notou nestes *a vaidade, o amor próprio, a ausência de remorso, a paixão pelos animais (zoofilia), o exagêro de susceptibilidade, a insensibilidade moral, a repulsão pelo trabalho continuado, o gôsto pelo vestuário berrante, as manifestações eróticas brutais, a dipsomania, as intermitências da mentalidade, a*

influência estacional nos criminosos, factos, ao depois, verificados por Lombroso e Marro.

Henrique Ferri, que estudou os forçados de Pesaro e de Castel-Franco, reconheceu nêles certos tipos aparentemente criados por Dostoiewsky na sua obra.

O *Crime e o Castigo*, a mais conhecida obra dêsse russo, fornece-nos um tipo muito notável de criminoso, a respeito do qual o autor estabeleceu a questão palpitante de saber se é o estado mórbido que determina o acto delituoso, ou se o próprio crime é, pela sua índole, um fenómeno doentio. Raskolnikoff, o protagonista do romance citado, é efectivamente o tipo do *criminoso louco*, atingido por essa forma de loucura que se presta tanto à discussão, no campo da psiquiatria como no forense, e que Trélat dera primeiro a conhecer e, daí em diante, tem sido apresentada, debaixo de variadas formas, por Morel, Maignan, Vladoff e outros alienistas.

Fédor Dostoiewsky, êle próprio, como se sabe, epiléptico, que reconheceu e descreveu todos os matizes do seu estado mental, a sua *aura*; compreendeu e descreveu as modalidades e equivalências dos estados epilépticos. A observação do character de Smerdiakow, nos *Irmãos Karamazow*, família de degenerados, dos mais proteicos em manifestações, é de considerável subtileza. Aí caracteriza o autor a *ausência epiléptica*, a tendência procursiva de muitos russos, a imbecilidade de alguns perversos, que praticam o crime no momento da impulsão mórbida, também de natureza epiléptica. Não é fora de propósito recordar que, para C. Lombroso, a criminalidade, pelo menos em muitas das suas manifestações, é apenas uma variante da epilepsia (1).

Os modernos conceitos dos romances naturalistas ou rea-

(1) C. Lombroso, *L'Uomo delinquente*.

listas, como lhes queiram chamar, Zola, Dostoiewsky, Bourget, conduzem insensivelmente ao facto, hoje aceito, da sociedade criminosa, na qual os actos delituosos se determinam ou condicionam, como para os actos individuais, por motivos ou causas biológicas.

As projecções dêsses ilustres romancistas através das suas discutidas obras, que desde tantos anos se infiltram no espírito de tôda a gente que lê, contribuíram com largueza para a reflexão e a difusão das novas doutrinas sociais e políticas, criminalistas e outras.

Ao homem de ciência, ao antropólogo e criminalista compete tirar dos factos e das doutrinas expostas as deducções que a lógica impõe; discernir e sistematizar os factores e os tipos de criminosos, apontados ou convertidos em sínteses realistas nas criações magistrais dos diferentes escritores.

*

* *

Exemplo da criminalidade, tirado da literatura moderna, é dos mais interessantes o drama de A. Jossé, *La femme sans homme*, no qual o extraordinário tipo psicológico da rainha Izabel de Inglaterra é reproduzido com a maior largueza e em que o assassinio do conde d'Essex constitue a culminância da tragédia. Lytton Strachey, notável biógrafo inglês, da última data, occupou-se por igual da personagem histórica e do character enigmático e cruel da rainha Izabel (*Elizabeth and Essex*). As atitudes desequilibradas da soberana, as manifestações de crueldade e de delinquência, o seu despotismo, explicáveis talvez por uma forma de loucura moral, proporcionaram ao historiador, como aos dramaturgos que ergueram em cena essa antiga figura da realeza bri-

tânica (Benavente e Josset) (1), superabundância de acções emotivas, para urdir o entrecho das suas peças de teatro.

O mesmo tema seduzira anteriormente o alemão Brückner, que parece ter sido o primeiro que fêz reviver no teatro a régia promotora do morticínio do conde d'Essex e da grandeza da Inglaterra. Não há muito, o cinematógrafo apoderou-se dessa personalidade histórica, diluindo a sua feição trágica. É a que se vê na película de Pommer — *A invencível Armada* —, passada nos cinemas estrangeiros.

Em geral, as Belas-Artes evitam a representação directa do crime, que só pode dar atitudes inestéticas e repelentes, a não ser em raras obras de tal grandeza e concepção, nas quais a audácia do Artista tocado de génio consegue empolgar o observador e comunicar-lhe a impressão de beleza. Numa centena de quadros, diz E. Ferri, não há dois que tenham o criminoso por figura principal ou de segundo plano. A proporção é menor ainda para a estatuária. O inverso sucede nas peças literárias, na tragédia, no drama antigo e moderno, no romance ou em simples narrações. Aparece com vulgaridade na forma absurda e modernista da chamada — novela policial —, muito procurada pelas imaginações doentes. É comum, nas produções de diversa factura, aparecer o delinquento no paroxismo da acção, como no *Correio de Lião*, na *Sonata à Kreutzer*, do conde de Tolstoi, nas novelas americanas, à maneira de Conan Doyle, nas revistas, nos periódicos e nos *magazines*, de leitura fácil em excesso e de propaganda deletéria.

Entre os lances profundamente trágicos das obras primas dos clássicos, impostas a todo o público, por meios mais expressivos,

segundo a época, e as modernas manifestações do talento dramático, acontece que naquelas existe, com a magnitude do exemplo, o rigor do castigo, enquanto nestas, colhidas de impressionismo, não é tão proveitosa a lição, deixando muitas vezes patente a impunidade. De modo que a literatura actual, sob múltiplas formas, é mais sugestiva e dissolvente de que a antiga, em que o crime e o criminoso se impõem, como acção e agente em saliência, dependentes da fatalidade, mas sujeitos à contingência divina ou humana, da punição tremenda.

É mais perigoso, no ponto de vista moral e social, dar às crianças e aos espectadores adultos o espectáculo da perseguição dum *gangster*, no Cinema, que a representação cénica de «Júlio César», que passa por ser uma obra de génio, das mais educativas...

Agosto de 1937.

(1) A peça de Jacinto Benavente intitulava-se: *Vestal do Ocidente*, e foi traduzida e representada em português pela eminente actriz e escritora Maria Matos. — N. do A.